

DESSA VEZ

Ayla Lima

Gostava de arrumar a casa ouvindo música. Quando mudava as coisas de lugar, me reencontrava. Mudava a mesa, mudava a poltrona, mudavam os livros. Eu, junto.

A casa ficava diferente. Eu também.

Era meu abrigo.

Entre tantas músicas que já tocaram naquela casa, entre as várias que a povoaram naquele dia, toca aquela.

Tinha 13 anos e um vestido-rodópio. Estava no aniversário de uma amiga. Estava feliz. Sentia-se linda.

Ela dançava com as outras meninas, ria grande, girava, voltava para o meio da roda quando a música começava de novo. Girava e o vestido abria. Abria inteiro, redondo, vivo.

Ela gostava de vê-lo assim. Gostava de como o cabelo acompanhava o movimento, soltando-se aos poucos dos grampos. Já não lembrava quantas vezes tinha girado. Voltava e dançava outra vez.

O cabelo, ele já estava todo desfeito, mechas grudavam no rosto, outras caíam sobre os olhos. Os pés doíam tanto dentro do sapato. Mas ela não queria parar.



A música continuava. Os olhos pesavam. O sono vinha devagar, entre uma música e outra. Ela bocejava, esfregava os olhos e ria.

Ainda queria ficar.

“Vai lá deitar um pouquinho, depois você volta.”

Ela foi.

Tirou o calçado, deitou e dormiu.

Ela sentiu um homem em cima dela, imprensando-a, lambendo-a.

Medo silêncio.

Virou o rosto, olho fechado. Tentou fingir que estava dormindo, mas ele continuava a beijá-la, em cima dela, se roçando.

Ficou calada. Chorando, chorando. Lágrima escondida atrás do rosto virado. A voz presa. Pensando no que tinha feito de errado.

O vestido era curto?

Tinha dançado demais?

Sorrindo demais? Alto demais?

No catecismo, tinha aprendido: mulher direita escondia o corpo.

Então era por isso?

A porta se abriu.

Uma mulher entrou. Era a namorada dele.

Ela olhou. “Você está bêbado. Sai daí.”

Ele saiu de cima dela. Foi se deitar em outra cama.

A namorada se deitou ao lado dele.

A madrugada ficou enorme. Ela ficou ali, chorando, sem saber o que fazer. Não contou aos pais. Tinha medo de que perguntassem o que ela tinha feito.

Ficou calada.

Na sala, o disco continuava girando.

Eu fiquei ali. Dancei.

A menina rodava.

E, dessa vez, eu não quis fazê-la parar.

AYLA LIMA é professora de Literatura no Ensino Médio e encontra na literatura brasileira uma paixão que atravessa a leitura e seu modo de olhar o mundo. Em sua escrita ficcional, investiga as experiências humanas, a memória e as contradições da existência, buscando nas palavras dar forma àquilo que nos atravessa e nem sempre sabemos nomear.